



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

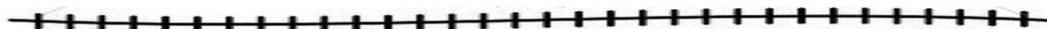
DO DESEJO DE GESTAR ATÉ A AMAMENTAÇÃO: UMA VISÃO DA PSICOLOGIA CORPORAL

**Liz do Rocio Granato
Sandra Mara Volpi**

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade discorrer a respeito da importância da preparação do corpo dos pais e do desejo de gestar, e, após o nascimento do bebê como fica o aspecto da amamentação: as intenções, a disponibilidade e qualidade, as sensações e a energia colocada em cada momento. Também ressalta como ficam os registros das sensações pelo bebê, o que pode acarretar prejuízos futuros.

Palavras-chave: Gestação. Caráter. Energia. Pais. Sensações.



O organismo da mãe cumpre a função de meio, desde o momento que se forma o embrião, até o momento que se produz o nascimento.
(Wilhelm Reich)

A gestação é um momento muito marcante na vida de homens e mulheres, independente de quantas já tenham passado. Além de ser um longo e complexo processo de intensas mudanças que são vivenciadas de maneira única. De uma forma distinta na vida do ser humano, a gravidez constitui-se de alterações físicas e psicológicas que vão resultar em mudanças que impactarão significativamente as experiências sofridas pelo casal. A gestação e o nascimento de uma criança são eventos psicossociais de extrema importância no ciclo vital, que afetam profundamente a vida do homem e da mulher.

Para que o bebê se forme, é preciso que o espermatozoide se una ao óvulo. A partir daí forma-se o zigoto, que se dividirá em várias células e vai percorrer um longo caminho até se prender às paredes do útero. O embrião se forma de fora para dentro e, uma única célula dará origem às células nervosas, musculares, sanguíneas e ósseas. As primeiras três semanas são as mais críticas do desenvolvimento do bebê, pois é aí que se formam todas as estruturas internas e externas da criança. Hartmann (1950, in BIANCOLINI, 2003, pág.101 e 102) descreve esta formação como sendo duas bolhas celulares onde uma vai formar o saco vitelino e a outra o saco amniótico, sendo que



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

células do magma ocupam o espaço existente entre eles. A partir das células da face inferior do saco amniótico, desenvolve-se o ectoderma, camada externa do corpo responsável pela formação de todos os tecidos nervosos e os órgãos do sentido. Das células alinhadas na parte superior do saco vitelino, forma-se o endoderma, responsável pela produção dos tecidos que metabolizam a energia, do revestimento do tubo intestinal, de todos os órgãos digestivos e do tecido dos pulmões. As células do magma se transformam no mesoderma onde se forma o sistema muscular esquelético, sanguíneo e o coração. Isso tudo ocorre nas três primeiras semanas de gestação, quando já podemos chamar esse conjunto de células de embrião. Esse período é considerado o mais crítico do desenvolvimento do bebê, porque é nele que se forma o começo de toda estrutura externa e interna do organismo da criança.

É importante lembrar que existem fatores que interferem na gestação, e que podem trazer sensações de prazer e/ou desprazer ao feto. Tais sensações ficam inseridas no corpo do bebê e, dependendo da sua intensidade e qualidade, acionam a predisposição para que, ao final do desenvolvimento da criança, traços caracteriais e coraças se instalem. Reich (apud VOLPI, 2002, p. 17) dizia que somos todos constituídos de energia e afirma que:

A pulsação bioenergética é uma função que depende por completo dos estímulos do meio e dos contatos com este. As estruturas caractereológicas dos educadores constituem uma peça chave dentro do meio desde o instante do nascimento. O organismo da mãe cumpre a função de meio, desde o momento em que se forma o embrião, até o momento em que se concretiza o nascimento. [...] É lógico supor que um útero que se contrai livremente representa um meio mais favorável ao embrião que um útero anorgonótico. Em um útero orgonoticamente vigoroso, a circulação do sangue e dos líquidos do corpo é mais completa e, por consequência, o metabolismo energético é mais eficiente.

A Psicologia Corporal sustenta que o desenvolvimento humano passa por uma sucessão de etapas que se sobrepõe, não sendo uma mais importante que a outra, mas havendo entre elas uma relação de interdependência. Cada etapa está associada a um dos sete níveis corporais, e cada um deles a sensações corpóreas:

- 1º nível (olhos, ouvidos, nariz e pele): alarme, medo, terror, pânico, surpresa, espanto, embaraço, desorientação;



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

- 2º nível (boca): comoção, nojo, gosto, separação, agressividade, depressão, ressentimento, raiva, apego, dependência;
- 3º nível (pescoço): abandono, medo de cair, medo de morrer, inibição, simpatia, antipatia, interesse, orgulho, isolamento;
- 4º nível (tórax): nostalgia, ira, angústia, tristeza, solidão, felicidade, amor-ódio, incerteza, ambivalência;
- 5º nível (diafragma): angústia, ansiedade, hostilidade, serenidade;
- 6º nível (abdômen): agitação, desespero, dor, cólera;
- 7º nível (pélvis): excitação, apego, prazer, destrutividade, potência, moralismo-repressão, autoritarismo.

A primeira etapa é denominada ocular, ou segundo Volpi e Volpi (2008), etapa de sustentação. Ela é composta pelos olhos, ouvidos, nariz e pele, é o nível da interpretação. Esta fase tem início na fecundação e declina com o nascimento da criança. O útero é a primeira casa do bebê, é por meio de suas paredes e do cordão umbilical que ele irá receber alimento fisiológico, emocional e energético. Importante ressaltar que o nível de energia do embrião dependerá do nível de energia do útero da mãe.

Incluído na primeira etapa do desenvolvimento está o caráter esquizoide, que é decorrente da sensação de insatisfação das necessidades do organismo em um determinado momento. É a falta de calor a nível físico dentro do ventre (VOLPI & VOLPI, 2003b) que gera este caráter. As pessoas que possuem este tipo de caráter normalmente são inseguras quanto aos seus sentimentos, alienadas da realidade e têm medo de ser abandonadas, já que não tiveram boa qualidade de contato energético/emocional durante a gestação e também após o nascimento.

De acordo com Volpi & Volpi (2003), as mães de indivíduos esquizoide são, em geral, frias, perfeccionistas, ansiosas, supercontroladoras e restritivas, incapazes de amor e aceitação espontâneos à criança. A partir daí, percebemos a dificuldade desses indivíduos de sugar e respirar.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A gestação e o nascimento de um filho fazem a mulher e o homem reverem seu papel como casal, como mãe e pai e repensarem também a dinâmica da família. Outra forma de amor começa a ser experimentada. Entre a mãe e o bebê cria-se desde o início uma conexão que tem o signo da perenidade em seus compromissos. Mas também é um tempo de medos e ansiedade, de esperança e de transformações. Por isso o pai pode e deve ser o “útero” que irá aconchegar e proteger a mãe. (VOLPI & VOLPI, 2008)

Enquanto o corpo vai mudando e a expectativa cresce, as exigências do mundo não dão trégua. É preciso à mulher continuar a trabalhar, a manter o bom humor, a alimentar-se bem, a cuidar da saúde de si própria e do bebê que está em formação, a cuidar da beleza e, ao mesmo tempo, preparar-se para incondicionalmente amar seu bebê. A vida do homem também muda, e este tem o direito de expor suas dúvidas, angústias e incertezas, e, sobretudo, devemos permitir-lhe o prazer de participar desse momento tão único na vida do casal.

A maneira como a mulher vivencia a gravidez interfere em todas as suas relações (consigo mesma e com os outros). De um modo especial, a maternidade significa uma contínua adaptação da mulher para com a nova condição: ser mãe. Primeiramente verifica-se a mudança de identidade e uma nova definição de papéis: a mulher passa a se olhar e a ser olhada de uma maneira diferente. Evidentemente, o mesmo processo de mudança de identidade e de papel se verifica no homem, e também a paternidade deve ser considerada como uma transição no desenvolvimento emocional do homem.

A gravidez, por ser um período de transição, é parte do processo normal de desenvolvimento de um casal. É também durante esse período, que se inicia a formação do vínculo pais-filho e a reestruturação da rede de intercomunicação da família. Sabe-se hoje em dia que o fumo, o álcool e outras drogas atingem o feto. O mesmo se pode dizer das emoções, em que a gestante descarrega em seu corpo hormônios que irão atravessar a placenta e modificar o ambiente em que o bebê está sendo gerado, provocando vários problemas tanto físicos quanto psicológicos (VOLPI, 2002). De acordo com Verny & Kelly (1993), uma excessiva secreção neuro-hormonal provinda de um estado de ansiedade da mãe, medo, irritabilidade, nervosismo,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

insegurança, ou outro fator qualquer, irá sobrecarregar o sistema neurovegetativo do bebê, que será registrado na memória celular acarretando em diversas dificuldades após o nascimento.

De acordo Maldonado (2002), a complexidade das mudanças provocadas pela vinda do bebê não se restringem apenas às variáveis psicológicas e bioquímicas: os fatores socioeconômicos também são fundamentais. Numa sociedade em que a mulher costuma trabalhar fora, muitas vezes responsável pelo orçamento familiar e, cultiva interesses profissionais e sociais, o fato de ter um filho acarreta consequências bastante significativas. A preocupação com o futuro aumenta as necessidades da grávida e dessa forma intensificam sua frustração, podendo gerar como consequência, raiva, medo e ressentimento, que impedem de encontrar gratificação na gravidez.

Há outro fator importante a ser mencionado sobre as modificações corporais enfrentadas pela mãe que dizem respeito à gravidade. Esta força atua sobre nós em cada momento da nossa existência, nos atraindo para o centro da Terra. Em geral, nós nos erguemos em conflito constante com ela, mas é exatamente esse confronto – manter-nos me pé, eretos contra a gravidade – que nos dá a habilidade de nos expandir para cima e para fora. A harmonia com a gravidade nos auxilia nessa tentativa; a desarmonia nos mergulha numa batalha infindável, exigindo grande parte de nossa força disponível apenas para nos manter em pé, tornando muito mais difícil a tarefa de enfrentarmos um mundo exigente. (KURTZ & PRESTERA, 1989, p. 45).

Verny & Kelly (*apud* Biancolini, 2003, p.104), afirmam que:

A comunicação harmoniosa entre a gestante e o bebê é de grande importância na formação do caráter do bebê. A formação dessa comunicação opera-se por meio de três canais: 1) comunicação fisiológica, onde tudo que está no sangue da mãe passa para o bebê, desde alimentos até hormônios devido ao estresse e a ansiedade; 2) comunicação comportamental, que é a maneira como o bebê reage ao estresse, ao desconforto e ao carinho. Comprovou-se que o feto manifesta por pontapés seu desconforto, seu medo, sua ansiedade; 3) comunicação por “simpatia”, que se dá pelos sonhos, que são um bom exemplo de comunicação extra-sensorial.

De acordo com a ideia de que as alterações físicas colaboram para a percepção da nova condição da mulher, a de um corpo grávido, tais mudanças influenciam na organização emocional, no comportamento e também na organização corporal, na



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

medida em que envolve nesse processo uma gama de questões internas da gestante. Ao compartilhar seu corpo com outro, a mulher obriga-se a modificar seus hábitos – alimentação, trabalho e vestuário – e alterar padrões de atividade de uma vida inteira, ou seja, refletindo nas diversas esferas da vida.

Diversos autores adotam a separação da gravidez por fases, e a partir daí, descrevem aspectos psíquicos, físicos e relacionais, como característicos de cada momento da gestação.

Nesse sentido, o primeiro trimestre gestacional é marcado por vários sintomas, como, por exemplo, conforme descreve Maldonado (2002, p. 35), “[...] a hipersonia, a mulher sente mais vontade de dormir que o normal. É como se o organismo se preparasse para as tensões fisiológicas adicionais, aumentando a necessidade de repouso”. A autora descreve também náuseas e vômitos como sintomas presentes na maioria das grávidas, no entanto não tem uma causa definida, apenas sugere o fator psicogênico como desencadeador – o que abordaria tanto fatores hormonais quando psicológicos da mulher perante a gravidez. Além desses, a autora expõe os desejos e as aversões em relação a certos alimentos como sintomas característicos da gestação, e o aumento de apetite.

Com alterações corporais bastante discretas, a mulher, nesse primeiro trimestre, vivência uma ambivalência em relação a estar ou não grávida, mesmo com a confirmação clínica. Os sentimentos provocados pela dúvida em relação à gravidez se expressam na alegria, na apreensão, na irrealidade e até por uma rejeição (MALDONADO, 2002). Devido às mudanças físicas não serem percebidas, ainda, o corpo da mulher não tem um aspecto distintamente grávido. O que ela não vê, também não consegue sentir. Aspectos que envolvem o primeiro e o sexto segmento (ocular e abdominal).

O segundo trimestre revela para a mulher características nítidas de sua gravidez. Maldonado (2002, p. 41) destaca nesta fase “[...] o impacto da percepção dos primeiros movimentos fetais”. Assim, ao fechar as vinte semanas de gravidez, o corpo da mulher permite a ela perceber suas formas arredondarem-se, e, naturalmente, vivenciar intensamente as sensações e manifestações vindas da gestação. O feto já pode ouvir o som da voz da mãe e do pai, mas o barulho que domina seu universo é o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

batimento cardíaco da mãe. Enquanto esse barulho for rítmico, a criança terá a sensação de que tudo está se saindo bem e que ela está segura. A visão do bebê também se desenvolve nesta época. Ele dá provas de uma sensibilidade reagindo à luz quando colocada no ventre materno (VERNY & KELLY, 1993, apud Biancolini; NAVARRO, 1996). Esses são motivos suficientes que fazem, com que:

A mãe que carrega o bebê sinte-se bem consigo mesma e em relação a ele. Sensações de tensão e desconforto da mãe podem ser comunicadas para o feto, assim como sentimentos de rejeição, culpa ou hostilidade em relação ao bebê que está se desenvolvendo. Baseado em memórias desse período primitivo da vida de pacientes, podemos concluir que o feto é sensível não só aos distúrbios de sua existência, como às pressões mecânicas, sons agudos e vibrações intensas, mas também sofre se a mãe está doente, exausta ou intoxicada (BOADELLA, 1992, p. 39).

Além da questão de reconhecimento do filho, há diminuição dos sintomas como a náusea e a fadiga, devido à acomodação da placenta, permitindo uma sensação de bem-estar físico para algumas gestantes, e, menos tensas, uma sensação de maior segurança.

Com a chegada do terceiro trimestre de gestação, as mudanças corpóreas são intensas, com repercussões significativas para a mulher. Para Raphael-Leff (1997, p. 24), “[...] muitas mulheres sentem-se desajeitadas, inchadas e extenuadas, sentindo a necessidade de diminuir o ritmo”. Com seu corpo visivelmente diferente, a gestante passa a vivenciar sensações mais desconfortáveis, devido à condição “pesada” em que se encontra e pela proximidade do término da gestação. Para ilustrar a dificuldade de percepção de si, da barriga grande, o autor discorre que “apenas nos momentos de ausência de peso, nadando ou em sonhos, pode a mulher grávida recuperar a percepção de seu velho corpo”. A partir do momento em que se dá conta dos extremos que seu corpo alcançou, anunciando o fim de uma jornada de nove meses, a mulher busca preparar o espaço mental e físico para fazer o ninho, preparando um ventre substituto externo para o bebê.

De acordo com o pensamento reichiano, a história energética de uma pessoa é formada desde a sua concepção. No período gestacional o bebê forma sua camada energética de acordo com o nível energético da mãe, as quais podemos denominar: anorgonia (quando há ausência de energia, ou morte), hipoorgonia (pouca energia),



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

hiperorgonia (muita energia), desorgonia (energia mal distribuída no corpo) e homeorgonia (condições normais de energia).

As condições energéticas, a princípio e primeiramente as do próprio bebê (autógena), depois, somam-se à energia do útero da mãe (trofo-umbilical), e à energia dos alimentos, do leite materno e do ambiente.

Não podemos esquecer o envolvimento do pai que inicia no transporte de fortes e vigorosos espermatozoides que se unirão ao óvulo para formar o zigoto, porém é a energia do útero que determina o nível de energia do embrião.

Para Santos (2003), além disso, o sentimento de medo na gestante, quando vivido sem expressão e inadequadamente, resulta em uma vigília constante, em ansiedade, em angústia e pode chegar ao pânico. Esse medo fora de uma realidade coerente pode fechar o sistema vivente de relação com o filho, com o outro e consigo mesma. A energia fica estagnada e não há a possibilidade de prazer. Como o filho registra essas vivências pelas sensações, nessas condições todo o contato e a capacidade de vibrar na mesma frequência de prazer que a mãe são perdidas.

Outro fato importante a ser destacado no período gestacional, além das relações com outros sistemas, é a relação sexual. Se na vida compartilhada com o pai (casados ou não), a relação sexual for positiva, o bebê registrará as informações desse organismo numa condição de expansão prazerosa (amor). No primeiro momento, os registros serão formados a nível celular e, posteriormente a nível nervoso, quando este sistema estiver sendo funcional em sua vida intrauterina. (NAVARRO, 1991, *apud* SANTOS, 2003).

Uma relação saudável implica em perceber e satisfazer de modo adequado as necessidades do bebê, da mãe e do pai, fazendo com que os vínculos energéticos e vibracionais entrem em consonância.

Para Santos (2003):

Se na vida intrauterina, o filho em relação à mãe estiver numa condição de medo ou vivência de estresse e sem a possibilidade de expressão, então teremos um grande comprometimento e o terreno para problemas com o parto e, em alguns casos, até mesmo os abortos. Este fato é o oposto à vivência da sexualidade e do prazer. (SANTOS, 2003, p. 107).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A maioria das mudanças maturacionais ocorre após o parto e, portanto, é um período considerado como a continuação da situação de transformação, pois implica novas mudanças fisiológicas, consolidação da relação pais-filho e grandes modificações da rotina e do relacionamento familiar.

É importante enfatizar que o nascimento de um filho é uma experiência familiar. Portanto, para se atingir o objetivo de oferecer uma assistência pré-natal mais global, é necessário pensar não apenas em termos de “mulher grávida”, mas também de “família grávida”. Desde o conhecimento da gravidez até as primeiras semanas após o parto, quando a interação entre mãe e bebê é extremamente próxima e o marido-pai participa ativamente, forma de fato uma tríade familiar (MALDONADO, 2002).

Os primeiros dias após o nascimento do bebê são cheios de emoções, sentimentos e sensações. O recém-nascido traz a família a possibilidade maior do contato, e também a possibilidade de elaboração de todos os eventos ocorridos durante a gestação por parte da mãe, que agora tem um bebê “real”. Alguns aspectos emocionais como ansiedade, euforia e a depressão são percebidos nos três primeiros meses após o parto. O que é normal, pois a tríade está no momento de transformação e reestruturação energética. É preciso fazer com que a energia circule livremente entre os corpos, estruturando positivamente as novas relações. Em termos psicológicos, teria grande vantagem de reduzir o efeito traumático da separação provocada pelo parto, unindo mãe e filho mais imediatamente.

Dentro do útero, o bebê encontrava-se num ambiente de temperatura e luminosidade constante, era gentilmente estimulado pelos movimentos da mãe, alimentava-se sem esforço, pois os nutrientes fisiológicos e emocionais chegavam pelo cordão umbilical e a maioria das demais funções eram desempenhadas pela placenta da mãe. Ao nascer, a mãe executa o papel de placenta e de cordão, fazendo com que a criança se adapte gradualmente ao ambiente extrauterino. Como já dizia Reich, o contato, que envolve o segmento ocular e o abdominal são experienciados também neste momento que envolve grande troca de afeto e atenção.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), o aleitamento materno proporciona “[...] a promoção do vínculo afetivo entre mãe e filho. Acredita-se que a amamentação traga benefícios psicológicos para a criança e para a mãe. Uma



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

amamentação prazerosa, os olhos nos olhos e o contato contínuo entre mãe e filho certamente fortalecem os laços afetivos entre eles, oportunizando intimidade, troca de afeto e sentimentos de segurança e de proteção na criança e de autoconfiança e de realização na mulher. Além disso, quando a amamentação é bem sucedida, mães e crianças podem estar mais felizes, com repercussão nas relações familiares e, conseqüentemente, na qualidade de vida dessas famílias”.

De acordo com Silva (1997) para os humanos, a amamentação parece ser um comportamento, que, embora considerado natural, está baseado em parte no aprendizado e na experiência e, principalmente, desenvolvido pela observação e exemplo. Representa ser um hábito preso aos determinantes sociais e às manifestações da cultura. As concepções e valores, assimilados no processo de socialização, influem na prática da amamentação, tanto quanto o equilíbrio biológico e funcionamento hormonal da mulher.

Maldonado (2002) diz que o ato de colocar o recém-nascido para sugar o seio logo após o nascimento, antes mesmo de cortar o cordão umbilical, tem as vantagens de produzir contrações uterinas intensas, acelerando a involução uterina, de provocar constrição dos vasos, reduzindo a perda sanguínea, de facilitar o descolamento da placenta, auxiliando sua expulsão e de, por fim, estimular a secreção láctea, uma vez que a sucção do bebê é o estímulo fundamental para a produção de leite.

Também podemos dizer que o ato de amamentar é o que Reich nomeou de pulsação orgonótica. Nesse momento, deveria haver a capacidade mútua de excitação e descarga energética, como forma de “função de vida”. Pois o corpo da mãe normalmente é o lugar no qual existe a conexão pré-estabelecida pela gestação. É a mãe quem acolhe as necessidades da criança.

Trataremos da etapa de incorporação, que tem início logo após o nascimento e finaliza com o desmame que deverá ocorrer por volta do nono mês de vida, quando o bebê tem dentes suficientes para triturar seu próprio alimento (VOLPI & VOLPI, 2008). A fonte de prazer é a boca e, sendo assim, o bebê precisa da amamentação para satisfazer sua oralidade e sua afetividade. É importante que a mãe esteja disponível, passando uma sensação agradável e um olhar acolhedor ao bebê, para transmitir a ele a sensação de útero, de segurança e acolhimento. Se a mãe for agitada, ansiosa e não



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

se entrega a esse momento, possivelmente não conseguirá amamentar. Afastando assim o bebê.

De acordo com Volpi e Volpi (2008, p. 135):

O bebê é capaz de regular suas próprias necessidades de fome, demonstrando-a por meio do choro, balbucios e agitação. Isso significa que não se deve interferir nesse movimento. É o bebê quem sabe o momento que está com fome e não nós, com nossa mania de impor hora para tudo. Limites são importantes, mas têm seu momento para serem aprendidos e vividos. Importa, então, que o organismo da criança possa por si mesmo manifestar-se de acordo com as suas próprias necessidades.

É nesta fase que ocorre a diferenciação do eu, no bebê, quando percebe que ele e a mãe são organismos independentes. Também é o período no qual, experimenta sensações de satisfação e insatisfação, construindo uma memória rudimentar que o auxiliará na diferenciação do eu e do mundo externo.

De acordo com Reichert (2011), quando a autorregulação não é cultivada e a carga de repressão é forte, teremos estruturas de caráter mais encoraçadas e patológicas. O que remete a qualidade, quantidade e papel da pessoa que oferece prazer e /ou desprazer a criança no período de amamentação, podendo assim, comprometer o desenvolvimento infantil. Isso implica que:

A amamentação é fundamental para adquirir a função de acomodação e convergência ocular, prevenindo a miopia, o estrabismo, a hipermetropia. [...] O desmame prematuro e brusco provoca, como indicaremos, alterações na formação de uma psique saudável, criando um núcleo psicótico distímico (borderline). (NAVARRO, 1996, p. 22).

As alterações da psique no período de amamentação incluem o direcionamento da energia (carga e/ou descarga) em um ou mais dos níveis corporais. São eles: primeiro nível (olhos, ouvidos e nariz) e segundo nível (boca). Juntamente com o aleitamento deficitário e/ou inadequado.

A falta de amamentação ou a substituição por mamadeira produz na criança uma afetividade fria e apática, conduzindo-a posteriormente a manter relações frias, pois irá direcionar o olhar para ela mesma, não percebendo o outro e facilitando uma situação de estrabismo (NAVARRO, 1996, p. 46).

O aleitamento pode se dar durante um período curto de tempo, prologar-se (mais do que nove meses) ou sem disponibilidade, mas se for feito com dedicação e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

qualidade, o indivíduo chega a sua própria produção de anticorpos, oferecido anteriormente pelo leite materno. Porém cria-se uma situação de insatisfação, que se compensará no uso de substâncias como álcool, dependência de drogas e fumo. Isso dependerá da forma como for realizado o desmame (NAVARRO, 1995, p. 59).

A amamentação sadia, deveria durar até o oitavo ou nono mês de vida, onde a criança está completando o desenvolvimento ósseo-muscular da mandíbula, implicando, fisiologicamente, o início da função intencional dos músculos dos masseteres para a mastigação (NAVARRO, 1996).

O desmame deve ser feito de forma gradual e com tanta dedicação quanto o ato de amamentar. Caso contrário, se for brusco e/ou precoce acarreta um quadro de frustração na criança, uma oralidade reprimida que tenciona os masseteres, tornando-a uma pessoa mordaz e raivosa. A maturação dessa oralidade permite ao indivíduo administrar aspectos relacionados a seu temperamento e auxilia num tratamento adequado do desenvolvimento psicoafetivo.

Todas estas características dizem respeito ao núcleo psicótico borderline, que está ligada a uma fixação oral do indivíduo que não pôde realizar a separação para chegar a autonomia neuromuscular e, portanto, permanece psicologicamente como personalidade dependente (NAVARRO, 1996).

Portanto a amamentação não inclui só a alimentação do bebê, juntamente vêm o contato, a dedicação, o amor, o calor, a troca de olhares e a disponibilidade da pessoa que amamenta. Também é a condição do desmame sadio e delicado, possibilitando a criança uma sensação de segurança para poder diferenciar-se do campo materno e passar da motilidade a mobilidade com aptidão.

Diante de tantas considerações, vale lembrar que as características citadas para exemplificar os tipos de caráter devem ser respeitadas e vistas sob uma perspectiva de que foi a melhor solução encontrada pela criança no momento em que se sentiu ameaçada de alguma forma. As couraças têm valor de sobrevivência. (VOLPI & VOLPI, 2002).

Desde o desejo da família de conceber uma criança até a fase de sua amamentação, ocorrem muitas mudanças. Dentre os aspectos mais importantes da experiência de gestação, encontram-se as mudanças ocorridas no corpo da mulher. O



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

corpo grávido se transforma em algo estranho para muitas mulheres, para outras, torna-se símbolo de poder e, como consequência disso, muitas outras sensações se fazem presentes. A figura do pai se faz necessária pelo afeto que sente pela mãe e por representar um elemento de proteção da relação que se constrói. Os cuidados, desde o início são necessários para que os registros sejam positivos e para que os indivíduos envolvidos tenham a possibilidade de se expressar, fazendo com que a energia circule livremente. A relevância de demonstrar afeto em cada momento da vida torna possível e saudável a vida aqui e agora.

REFERÊNCIAS

- BIANCOLINI, E. Prevenindo o encouraçamento a partir da gestação. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.). **Revista Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, n. 4, p. 101-107, 2003.
- BOADELLA, D. **Correntes da vida**: Uma introdução a biossíntese. São Paulo: Summus, 1992.
- BRASIL. Ministério da saúde. **Saúde da Criança**: Nutrição Infantil, Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. Brasília – DF. Caderno de Atenção Básica, nº 23. 2009.
- KURTZ, R.; PRESTERA, H. **O Corpo Revela**: um guia para a leitura corporal. São Paulo: Summus, 1989.
- MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez**: parto e puerpério. 16ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Sumus, 1995.
- NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Sumus, 1996.
- RAPHAEL-LEFF, J. **Gravidez**: a história interior. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- REICHERT, E. A. **Infância, a idade sagrada**: anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos. 3. Ed. revisada e ampliada. Porto Alegre, 2011
- SANTOS, F. R. C. Pensando a Gravidez... In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.). **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, n. 3, p. 102-108, 2003.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GRANATO, Liz.; VOLPI, Sandra Mara. Do desejo de gestar até a amamentação: uma visão da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

SILVA, I. A. **Amamentar**: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe. 1997.

VERNY, T.; KELLY, J. **A vida secreta da criança antes de nascer**. São Paulo: C. J. Salmi, 1993.

VOLPI, J. H. **Compreendendo por meio do relato das mães, o estresse sofrido durante a gestação e primeiros anos de vida da criança com câncer**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde. São Bernardo do Campo, UESP, 2002.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: Da Psicanálise à Análise do Caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003a.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: A Análise Bioenergética. Curitiba: Centro Reichiano, 2003b.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!**: Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. 2ªed. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

Liz do Rocio Granato /Curitiba / PR / Brasil – Psicóloga (CRP-08/16131), cursando Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: liz.rgranato@gmail.com

Sandra Mara Volpi /Curitiba / PR / Brasil – CRP-08/5348 - Psicóloga, Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagogia (CEP-Curitiba), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br